

A INSÓLITA ANCESTRALIDADE EM “A VARANDA DO FRANGIPANI”

Luciana Morais da Silva
Doutoranda em Literatura Comparada (UERJ)
luciana.silva.235@gmail.com

RESUMO

As narrativas do moçambicano Mia Couto enfocam a importância de se pensar na ancestralidade como parte determinante do futuro de uma nação. Em *A Varanda do Frangipani*, Mia constrói um mosaico em que traz os mitos ancestrais aliados a lembranças e relatos sobre o que ocorre fora e dentro das “bombas de proteção”. O autor engendra um mundo próprio, um asilo único, em que “xipocos” se instalam bem em um cantinho do corpo alheio, apenas para (re) viver e lembrar ou para ter uma nova chance, fazendo diferentes escolhas. A partir de comparatismos crítico-teóricos desenvolver-se-á uma análise acerca dos acontecimentos inesperados que inundam a narrativa, buscando demonstrar de que forma esses eventos interferem no cotidiano das personagens. Observar-se-á, portanto, o modo específico de manifestação do insólito em *A Varanda do Frangipani*, discutindo-se para isso o processo de construção narrativa utilizado por Mia Couto.

PALAVRAS-CHAVE: Insólito, Narrativa, Quotidiano

ABSTRACT

The narratives of mozambican Mia Couto focalize on the importance of thinking in ancestry as part of determining to the future of a nation. In the novel entitled *A Varanda do Frangipani* (*Under the Frangipani*), Mia build a mosaic in that he brings ancient myths allied with memories and stories about what happens inside and outside of the “bombs protection”. The writer engender a property world, an unique asylum where “xipocos” (ghosts) settle well in a corner, only to (re)live and remember or have a new chance, making different choices. From comparativism critical-theoretical development will be an analysis about the unexpected events that inundate the narrative, seeking to demonstrate how these events affect the everyday lives of the characters. Observed Will, therefore, the specific mode of manifestation of the unusual *A Varanda do Frangipani* (*Under the Frangipani*), arguing that to the processo of narrative construction used by Mia Couto.

KEYWORDS: Unusual (Insólito), Narrative, Everyday

Lição que aprendi: a Vida é tão cheia de luz, que olhar é demasiado e ver é pouco. É por isso que fecham os olhos aos mortos. (COUTO, 2009, p.72)
nunca escrevi
sou
apenas um tradutor de silêncios.
(COUTO, 1999, p.60)

O presente trabalho foi estruturado a partir de suportes crítico-teóricos que auxiliaram no desenvolvimento de reflexões sobre *A varanda do frangipani*, do autor moçambicano Mia Couto. O processo de estudo se deu pela análise estrutural da obra, observando-se os traços que compõem o todo, percebendo de que forma o autor mescla os elementos da terra, de um mundo mítico-telúrico, ao cotidiano de guerra vivenciado, em um passado não muito distante, pelos anciãos de um asilo (uma antiga fortaleza colonial). Discute-se na narrativa miacoutiana a ancestralidade e o estado de “inexistência” das pessoas que habitam o asilo, visto que se instalaram em um entre-lugar, sem poder sair do asilo, pois já não ocupam mais algum lugar na sociedade.

Primeiramente buscou-se ler a ficção de Mia Couto por meio de uma visão crítica, que possibilitou identificar marcas do insólito na narrativa do autor, após isso, observou-se a recorrência desses eventos em momentos marcantes do texto, com os acontecimentos inesperados como geradores de toda a ação. A manifestação inesperada, inusual, seria como um ponto de partida ou a culminância para as múltiplas interferências na vida das personagens.

Para estabelecer como ocorrem os eventos insólitos em *A varanda do frangipani* pensar-se-á nas características da personagem principal, Ermelindo Mucanga, um “morto/fantasma” “de autorizada raça” (COUTO, 1996, p.11) que, ao contrário da expectativa, narra suas insólitas estórias. Ele habita a terra, apesar de instalado no corpo de outra pessoa. No contexto das estórias de Mucanga, há, ainda, a presença do “halakavuma”, ser mítico que vive no imaginário dos vivos e na realidade do morto, interferindo na pós-vida, junto a falecidos. Como revela a voz do narrador: “Há alguém que desconheça os poderes deste bicho de escamas, o nosso halakavuma? Pois este mamífero mora com os falecidos” (COUTO, 1996, p.15).

A narrativa constitui-se, portanto, de ocorrências insólitas, sendo incomum um morto se instalar no corpo de um vivo. Mucanga é auxiliado por um ser incomum e migra para o

corpo de Izidine Naíta, investigador responsável por desvendar um crime cercado de mistérios. A convivência "corporal" entre Izidine e Mucanga remete ao tempo da construção da fortaleza, tornando os diálogos e os cenários ainda mais desafiadores, pois o vínculo com a história é a todo o momento confrontado pelas manifestações do insólito.

Com base nos processos de construção narrativa, pode-se notar que o cenário comum, corriqueiro, portanto, sólito, é constantemente confrontado pelo inesperado, pela ruptura do esperado. Assim, a partir da definição de insólito como aquilo que está para além do natural, da ordem, nota-se que a obra gira em torno de eventos insólitos, tendo-os como móveis do desenrolar narrativo. Segundo a acepção de Houaiss, insólito seria o "1. que não é habitual; infrequente, raro, incomum, anormal; 2. que se opõe aos usos e costumes; que é contrário às regras, à tradição" (HOUAISS, 2001).

Sendo assim, observa-se o caráter insólito da narrativa, mesclando elementos sobrenaturais a uma realidade de melancolia e sofrimento após a independência de Moçambique. Em um ambiente conflituoso, seres míticos/místicos convivem com seres da realidade ôntica e se emolduram em espaços reais naturalistas. Afinal, o asilo permeado por seres e elementos insólitos fora um depósito de armas. O uso do espaço, em que deveriam armazenar comida, como lugar para guardar restos da guerra é, assim, apresentado: "armas, sobras da guerra. Eram guardadas na capela. (...) A fortaleza se transformara num paiol. Os velhos, no princípio, não sabiam" (COUTO, 1996, p.142)

Com base nas assertivas de Umberto Eco (1994), percebe-se que há em Mia Couto a construção de um mundo que requer um acordo ficcional de suspensão da descrença, já que os cenários estruturam-se como no mundo real, só que por vezes são confrontados ou até mesmo negados por eventos que rompem com o esperado, com o sólito. Dessa forma, observa-se que "os mundos ficcionais *são* parasitas do mundo real, porém são com efeito 'pequenos mundos' que delimitam a maior parte de nossa competência do mundo real" (ECO, 1994, p.91). A narrativa miacoutiana traz a problemática do dia-a-dia, discutindo inserções insólitas na realidade intradieética, avultando o incomum dentro de uma realidade possivelmente vivenciável pelo leitor empírico. Contudo, um mundo sabidamente mais limitado e é claro ontologicamente mais pobre (ECO, 1994, p.91).

Mia Couto em sua ficção se apropria do mundo real, porém pervertendo-o, já que transforma as relações humanas e os cenários por vezes em maculas que os distorcem, com

homens e/ou fantasmas que adentram o corpo alheio, dividindo ou disputando o espaço com o “espírito” do dono do corpo. Nas palavras do próprio xipoco, Ermelindo Mucanga: “este Izidine, agora, sou eu. Vou com ele, vou nele, vou ele. Falo com quem ele fala” (COUTO, 1996, p.15)

Sendo assim, o leitor para compreender essa construção subversiva necessita assumir um pacto com a ficcionalidade, ou seja, o leitor de Mia Couto deve aceitar, por exemplo, “um lobo que fala” (ECO, 1994, p.14) ou um morto que vê a terra sobre si e teme apenas a solidão, conjecturando acerca de seu retorno ao mundo dos vivos, sem saber muito bem se temia viver ou continuar morto (COUTO, 1996). A constituição da permite que se adentre um mundo vasto e cheio de expectativas, permeado por possibilidades, umas que afrontam, outras que apenas incomodam. Neste mundo subvertido, mas verossimilhante, há irrupções insólitas que confrontam, reiteradamente, o esperado dentro da construção textual elaborada.

A narrativa de Mia Couto é engendrada mediante a história de velhos que vivem em uma fortaleza colonial transformada em asilo, pertencente ao conturbado mundo da pós-independência, com guerras e dramas, como revela a voz de Mucanga sobre sua vida no período da independência, tempo de mudanças e, segundo ele, que lhe faltou ser homem (COUTO, 1996). As personagens enfrentam sua realidade fatigante, tendo como refugio às crenças locais, em que um ser místico aconselha um defunto narrador a adentrar o corpo de um futuro morto. Nesse contexto, os idosos, moradores do asilo, sonham poder viver em um mundo de respeito e igualdade, porém são, no decorrer da narrativa, obrigados a contar a verdade sobre suas dolorosas relações com o mundo que os cerca, visto que sem terem para onde ir, sobrevivem em um “paraíso” a custa da brutalidade de um homem que usa o lugar de repouso dos velhos como um enorme paiol.

Os conflitos da terra, bem como a história de sofrimento narrada por Mia Couto, reunidas ainda a eventos insólitos, demonstram uma tentativa de revisitar a “origem das coisas” (ELIADE, 1972), do mítico, em busca de minimizar o vazio da pós-vida da personagem Ermelindo “nunca tive quem me deitasse lembrança” (COUTO, 1996, p.13), a ponto de esta habitar outro corpo como em: “Eu devia emigrar em corpo que estivesse mais perto de morrer” (COUTO, 1996, p.16). O defunto viraria um xipoco, denominação para fantasma, instalando-se no corpo de alguém que fosse morrer. Indicando, portanto, um diálogo entre

mundos: um empírico e outro meta-empírico, pois não é comum um homem morto repentinamente, por ordem de um "bicho", emigrar para o corpo de um vivo.

As personagens representam seres comuns que veem o mundo a sua volta modificar-se por meio de manifestações insólitas, identificadas pelas personagens, mas que, ao invés, de serem estranhadas amalgamam-se à sua realidade intradieética. O asilo histórico guarda uma magia latente que, inesperadamente, tanto para fantasmas quanto para idosos e investigadores, confronta, assusta, enfim, instaura o insólito.

Nota-se que algumas personagens estão conscientes das subvidas que levam, e determinadas a mudar isso se arriscam a ponto de (re) viver, optando por retomarem suas vidas, mesmo que por momentos efêmeros, apenas para encontrar a satisfação e respeitar a voz do ser mítico. Nesse sentido, configura-se uma referência a ancestralidade, a importância dos "antigamentos" – termo referido na abertura do livro por Mucanga, que afirma ter obrigações, além de uma relação ancestral (COUTO, 1996) –, traçando diálogos entre o ontem e o hoje. Para Laura Cavalcanti Padilha ancestralidade:

constitui a essência de uma visão que os teóricos da cultura africana chamam de visão negro-africana do mundo. Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa. (1995, p.10)

Com isso, nota-se que o resgate da ancestralidade tem um papel essencial para a cultura africana. Nessa narrativa, o abandono do valor ancestral e da importância dada ao mais velho de uma família são discutidos como atitudes lamentáveis, visto que a sabedoria do ancião poderá ser um divisor de águas para a reestruturação do mundo de outrora. A enfermeira Marta aborda esse assunto em uma discussão com o inspetor Izidine:

- Escute, senhor inspetor: o crime que está sendo cometido aqui não é esse que o senhor anda à procura.
- O que quer dizer com isso?
- Olhe para estes velhos, inspetor. Eles todos estão morrendo.
- Faz parte do destino de qualquer um de nós.
- Mas não assim, o senhor entende? Estes velhos não são apenas pessoas.
- São o quê, então?
- São guardiões de um mundo. É todo esse mundo que está sendo morto. (COUTO, 1996, p.59-60)

A voz da enfermeira indica que o mundo da ancestralidade não pode ser simplesmente morto ou esquecido, mas neste caso o é, pois o homem ao deixar seu país e suas “origens” esquece sua essência ou simplesmente a perde. Como é o caso do morto, da enfermeira e do policial, que perderam suas raízes. É uma questão insólita e recorrente em Mia Couto, visto que há nessa narrativa como em outras a busca pelo lugar do ancestral, da sabedoria do mais velho e da fixação de raízes. É evidente que a ancestralidade presente nessa narrativa traz elementos insólitos, uma vez que o “bicho”, halakavuma, que dá início ao desencadear de eventos insólitos, é um ser místico e morador do plano sobrenatural, porém, atuante na realidade ôntica, afinal, perde suas escamas, deixando-as pelo asilo.

A construção narrativa de Mia alude à interferência de seres míticos/místicos no cotidiano das personagens, sejam elas vivas ou mortas, existindo um mistério, uma aura mágica em torno das mesmas, tendo assim, uma intervenção do sagrado no Mundo. Como observa Mircea Eliade:

[...] o mito fala apenas do que *realmente* ocorreu (...). Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) (...). Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. (1972, p.11)

O ente sobrenatural halakavuma, um bicho, assemelhado a um animal de estimação, acaba incentivando o protagonista a se aventurar pelo mundo dos vivos, buscando tomar as atitudes corretas, lembrando, principalmente, os erros cometidos antes de sua morte. Nota-se, desta forma, a interferência de um mundo deífico nas práticas sociais, visto que Izidine observa nas ocorrências insólitas, que o cercam, elementos pertencentes ao plano do sobrenatural, do extraordinário. Os elementos místicos conviventes com uma realidade cruel, de guerras e de um pós-independência, de invasões ou de qualquer outro momento histórico conflituoso, possibilitam ao homem buscar o imaginário, ou os *mirabilia*, por meio da fé para intervir e ajudá-lo a superar as dificuldades encontradas na *realia*.

Pode-se observar que o ser místico halakavuma aparece nessa narrativa como um elemento de origem maravilhosa, mas convivente com as armas e com os problemas quotidianos. De acordo com Carpentier “o maravilhoso só começa a sê-lo de maneira

inequívoca quando surge de uma inesperada alteração da realidade (o milagre), de uma revelação privilegiada da realidade" (CARPENTIER, 1985, p.XV). Isso ocorre em vários momentos da narrativa miacoutiana, mas, principalmente na descrição da instalação do morto no corpo de Izidine Naíta. Diversos elementos diluídos ao longo do texto indicam a invasão de um mundo deífico no cotidiano das personagens.

Apropriando-se do pensamento carpentiano acerca do real maravilhoso, da América Latina, pode-se discutir o aparecimento da maravilha na narrativa de Mia Couto, pois o defunto, que conta a estória, bem como as personagens que habitam o asilo pertencem a mundos diversos, mas que dialogam. Tais traços do real maravilhoso são cunhados a partir da formação étnica e histórica de um povo, que contribuem para a constituição de mundos conviventes, o mundo real/ histórico, porém influenciado pelo mundo de entes-sobrenaturais/ deuses.

Ainda ajustando a teoria existente sobre o Realismo Maravilhoso, relacionando-o a questões de África levantadas por Mia em suas narrativas, observa-se que a obra analisada, assim como as narrativas pertencentes ao real maravilhoso, constrói a convivência harmônica entre duas realidades, o real controlado pela razão, mas motivado pela fé, e o mundo sobrenatural, possibilitado pela crença. As narrativas desse gênero se apoiam na "comunhão social e cultural, em que o racional e o irracional são recolocados igualmente" (CHIAMPI, 1980, p.69). Há, por conseguinte, uma convivência harmônica entre o mundo empírico e o meta-empírico, visto que não se busca explicar racionalmente as ocorrências insólitas, apenas convive-se com elas.

É evidente na narrativa a coexistência do mundo moderno atual, citadino – observável nas relações burocráticas de Naíta –, com o mundo agrário de antigamente, campesino – marcado pela convivência das personagens com a natureza, seu respeito ao espírito presente no frangipani, por exemplo.

O mundo moderno seria configurado pelas armas e pelo helicóptero, que contribui para a tentativa de destruição dos "antigamentos" guardados no asilo, pois o investigador Izidine, o helicóptero e as armas são usados, de certo modo, para desestabilizar e revelar os interiores da fortaleza. As armas, exacerbando o incômodo, machucam e amedrontam, como elementos de guerra e auxiliares para destruir as pessoas (cf. COUTO, 1996). Já o mundo agrário, vinculado aos antigamentos, é representado pelos anciãos, que com suas

crenças levam suas vidas separados do mundo externo até que este teima em lhes fazer mal. Izidine, por sua vez, estaria no entre-lugar, acostumado aos procedimentos da cidade, porém em contato, desde que chegara ao asilo, com um mundo novo de lembranças e vivências.

Os dois mundos, da cidade e do campo, são perpassados pela fé dessas personagens, que acreditam em uma intervenção de outro plano em suas vidas. A crença em forças advindas da natureza para apoiá-los, segundo eles, a força do místico e ancestral pertencente ao maravilhoso, uma maravilha latente em sua terra, estando, portanto, nela o passo seguinte a ser dado. O homem submetido e sufocado de outrora aprenderia a respirar novamente através da sabedoria ancestral, uma vez que a investigação e as artimanhas do homem comum, Izidine Naíta, não são capazes de descobrir os mistérios locais. Assim,

As mitologias da humanidade, tanto as grandes quanto as de menor importância, vêm servindo sempre para guiar os jovens além de seu terreno na natureza e simultaneamente, apoiar os velhos de volta a natureza até a penumbra do último portal. (CAMPBELL, 2001, p.144)

Nota-se que os ensinamentos ancestrais, bem como as crenças em uma interferência de seres míticos no cotidiano das personagens, indicam a força dos “antigamente” para o desenvolvimento social do homem moçambicano. É o que declara a enfermeira Marta em conversa com o inspetor:

- Não é só aqui na fortaleza. É no país inteiro. Sim, é um golpe contra o antigamente.

Uma vez mais, Marta Gimo o apanhava em contra-mão. Desta vez, o polícia evitou milandear. Ela que falasse. E, realmente, falou:

- Há que guardar este passado. Senão o país fica sem chão. (COUTO, 1996, p.103)

Há, neste trecho, a exaltação das mitologias da humanidade, difundidas pela ancestralidade – representada pelos moradores do asilo –, como necessárias para guiar os jovens e apoiar os velhos. No entanto, Marta observa que isso não é feito na sociedade externa ao asilo, e declara ser esse ato um golpe contra o antigamente. Para ela os velhos, de maneira geral, perderam seus lugares de destaque familiar, acarretando em uma sociedade futura sem laços com a terra, por fim, sem chão, visto que “São velhos, estão no fim das suas vidas. Mas são pessoas, são o chão desse mundo que você pisa lá na cidade” (COUTO, 1996, p.78).

Em *A varanda do Frangipani*, ver-se-á uma tendência a ler suas marcas como uma revalorização da ancestralidade e da força da terra, enfim, como uma realidade de conflitos e guerra que se mescla a elementos provenientes do mundo mítico da crença. O defunto narrador, já insólito, ouve um ser escamoso, o halakavuma, que, por sua vez, tem representação no plano da realidade ao largar suas escamas, indicando uma convivência harmônica entre dois planos: o natural e o sobrenatural.

A ancestralidade, tão bem representada pelos velhos e exaltada por Marta, significa a força dos conhecimentos dos antepassados, aludindo ou pelo menos tentando ao modo correto de agir, afinal, o homem aprende com os mitos como se deram os atos *ab origine*, e isso possibilita que eles revivam essas experiências, buscando o caminho mais certo a seguir.

Os elementos insólitos são levantados e incorporados no decorrer da narrativa, mas é evidente a distinção entre o mundo do asilo e do frangipani e a realidade externa ao mundo da fortaleza, visto que os velhos moradores do asilo almejam manter a paz do ambiente, enquanto o mundo externo tenta corrompê-los, fazendo de seu lugar de descanso um paiol.

Dessa forma, observa-se que a narrativa apresenta uma incorporação inexplicável, ou seja, a emigração do morto para o corpo de um investigador, seguida de uma investigação pautada pela racionalidade, mas que acaba indo de encontro às crenças e a eventos insólitos, pois Izidine é habitado por um morto. Além disso, os moradores do asilo convivem entre dois mundos: um racional e explicável; e, outro permeado por eventos insólitos.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. "Temas mitológicos na arte e na literatura criativa". In: CAMPBELL, Joseph (org). *Mitos, Sonhos e Religião: nas artes, na filosofia e na vida contemporânea*. Rio de Janeiro: Ediouro: 2001. p.139-175.

CARPENTIER, Alejo. "Prefácio" a *O reino deste mundo*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1985.

CHIAMPI, I. *O realismo maravilhoso*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COUTO, Mia. *A varanda do frangipani*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

_____. *O fio das missangas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Raiz de Orvalho e outros poemas*. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

HOUAISS, A. (editor). *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 – 2009.

PADILHA, Laura Cavalcanti. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, 1995.

Como citar este artigo:

SILVA, Luciana Morais da. A insólita ancestralidade em “A varanda Frangipani”. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 18, jul.-ago. 2014, p. 111-120. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num18/estudos/palimpsesto18estudos01.pdf>. Acesso em: *dd mmm. aaaa*. ISSN: 1809-3507